

Resenha de Livro

Hagger: a história secreta do ocidente

Antonio Ruzza¹



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.



<https://doi.org/10.32459/2447-8717e310>

Recebido: 17-04-2024 | **Aprovado:** 29-04-2024 | **Publicado:** 05-03-2025

Resumo: A obra de Nicholas Hagger, *A História Secreta do Ocidente*, traz o argumento de que todas as mudanças acontecidas no mundo ocidental (Europa e Estados Unidos) durante as Idades Moderna e Contemporâneas são o resultado de conspirações de organizações secretas que quiseram (e, segundo ele, infelizmente conseguiram!) tumultuar e derrubar um antigo sistema social, organizado em torno da religião e de monarquias absolutistas. Em particular, ele cita oito “conspirações” bem-sucedidas: Revoluções inglesa, americana, francesa e russa; Renascimento italiano e Reforma protestante; processo de Unificação na Alemanha e na Itália. O objetivo desse artigo é demonstrar o caráter fantasioso e ideológico da interpretação haggeriana, a partir de considerações e explicações de historiadores e filósofos respeitados, além de fatos históricos objetivos.

Palavras-chave: História secreta. Revolução. Conspiração.

Abstract: Nicholas Hagger's work, *The Secret History of the West*, argues that all the changes that took place in the Western world (Europe and the United States) during the Modern and Contemporary Ages are the result of conspiracies by secret organizations that sought to (and, according to him, unfortunately succeeded in!) disrupting and overthrowing an old social system centered around religion and absolute monarchies. In particular, he cites eight successful “conspiracies”: the English, American, French, and Russian Revolutions; the Italian Renaissance and the Protestant Reformation; the unification processes in Germany and Italy. The aim of this article is to demonstrate the fanciful and ideological nature of the Haggerian interpretation, based on the considerations and explanations of respected historians and philosophers, as well as objective historical facts.

Keywords: Secret history. Revolution. Conspiracy.

¹ Mestre (USJT) e Doutorando (PUC-SP) em Filosofia - Professor no Centro Universitário Assunção.

Faz parte da discussão política o tema da teoria da conspiração, discurso usado por indivíduos ressentidos para justificar os seus fracassos ou as suas insatisfações, pelas quais responsabilizam outras pessoas; mas sobretudo por governantes e líderes políticos que, com esta argumentação, jogam a culpa em pretensos adversários internos e externos, que estariam planejando e executando ações contra eles ou contra o país deles, de forma escondida e traiçoeira. À vezes, o argumento é usado para justificar uma ação agressiva como ato defensivo ou preventivo contra tal inimigo: a História é repleta de casos desse tipo, sendo o mais devastador é o de Hitler (que iniciou a Segunda Guerra Mundial para dominar o mundo, mas apresentou a sua iniciativa como defesa contra uma pretensa conspiração judaica para destruir a Alemanha!) e o mais recente é o de Putin (que invadiu a Ucrânia para conquistar mais territórios, mas apresentou a agressão como uma “operação especial” para prevenir um ataque da Nato!). Em suma, o tema está muito atual, e está ligado ao fenômeno do populismo, que é hábil em captar o imaginário coletivo e conseguir seguidores e votos.

Pela leitura de *A História Secreta do Ocidente*, livro de 2005, entendemos que o autor Nicholas Hagger² recorre à teoria da conspiração para explicar fatos históricos e revoluções da Idade Moderna e Contemporânea; a sua ideologia é conservadora, reacionária, clerical, porque condena tudo o que aconteceu após o término da Idade Média; a sua inspiração filosófica é o anti-iluminismo e o anti-modernismo;³ ele faz uso de conceitos (sionismo, comunismo) que foram criados bem depois e que no seu texto podem criar confusão; comete alguns deslizes históricos e filosóficos. As suas citações não têm valor, porque são escritores que utilizam a fantasia, como ele próprio; ele não cita os grandes historiadores: Braudel, Le Goff, Duby, Heers, Michelet, Febvre, Furet (franceses), Anderson, Hill, Runciman, Stone (britânicos) etc.

As de Hagger são fantasias e mentiras mal justificadas. A sua tese de fundo é de que todas as revoluções particulares dos últimos 550 anos (justamente depois do fim da Idade Média, em 1453, com a queda do Império Bizantino) foram produzidas por organizações secretas que visavam a uma revolução mundial e a destruir o Cristianismo e a ordem social pré-existente. Elas atuaram sobretudo em quatro países: França, Grã Bretanha, Itália e Alemanha. Conhecemos muito bem a história da Itália e da França, e razoavelmente bem a

² Hagger nasceu em Londres em 1939. Professor universitário em vários países, é autor de mais de 50 livros. Além da obra em análise, destacamos: *The Light of Civilization: How the Vision of God has Inspired All the Great Civilizations* (2006); *The Secret Founding of America: The Real Story of Freemasons, Puritans and the Battle for the New World* (2007) *The Rise and Fall of Civilizations: Why Civilizations Rise and Fall* (2008).

³ Com o termo modernismo, entendemos várias correntes de pensamento e ação: iluminismo, racionalismo, empirismo, liberalismo, socialismo, laicismo, individualismo etc.

da Grã Bretanha e da Alemanha, para afirmar que quase todas as interpretações defendidas por Hagger são falsas, infundadas e absurdas. Contra nós, não vale dizer que não conhecemos estas histórias justamente porque são secretas e só Hagger (e outros visionários como ele) as descobriu; elas são totalmente ilógicas e fantasiosas; algumas, até delirantes. Na História, para cada fato, há várias interpretações; mas não qualquer interpretação!⁴

Para ele, se as revoluções permitiram o avanço de liberdades individuais e direitos em geral, produziram também a secularização, fato que acelerou o declínio da civilização baseada na religião católica e nas monarquias absolutistas. O escritor entende que as revoluções ocorrem quando uma sociedade religiosa no meio de uma civilização religiosa, se torna uma sociedade secular por causa das atividades das sociedades secretas revolucionárias, estimuladas pelo pensamento filosófico moderno, que ele condena em bloco. Segundo ele, as sociedades secretas convencem alguns membros das elites dirigentes de que os seus privilégios são injustos e não naturais; estas parcelas das elites se aliam aos desfavorecidos / oprimidos e derrubam a autoridade política “legítima” por um idealismo otimista; depois, frente as dificuldades, se dividem em fações, lutam uma guerra civil e provocam o terror e a piora da situação material do povo. Em suma, a fome provoca a revolução, e esta provoca mais fome. Certamente, as revoluções se desenvolvem assim, porque um povo sem uma elite intelectual dirigente nunca fará nada de efetivo; as fações que lideraram a revolução logo se dividem sobre os objetivos e os métodos; as dificuldades e os sacrifícios fazem parte dela; as mortes são numerosas, às vezes de inocentes. Mas a falha de Hagger é afirmar que os danos são sempre muito maiores do que os ganhos; então, a história da humanidade é de declínio. É uma análise muito simplória, porque ele olha só para o imediato da revolução (as desordens, os abusos, as decepções) e não considera os efeitos a longo prazo, isto é, o grande progresso material e espiritual trazido pelas quatro grandes revoluções que Hagger cita e lamenta (Inglaterra, Estados Unidos, França, Rússia).⁵ Mas o erro da sua interpretação não está só em criticar o resultado das revoluções (a piora da situação, que é momentânea), mas na definição da causa, igual para todos os casos: as organizações secretas e as suas

⁴ Porém, parece que é uma tendência humana aceitar qualquer interpretação, incluindo as mais absurdas. Jonathan Rauch, autor de *The Constitution of Knowledge*, mostra que não há e nunca houve consenso em torno dos fatos. Pesquisas mostram que 60% dos norte-americanos acreditam que anjos e demônios atuam no mundo, 20% pensam que a Terra é plana e o Sol gira em volta dela. A solução seria: não tentar convencê-los, mas aceitar que não precisamos de unanimidade em torno dos fatos. Mas deve existir uma elite política e intelectual que concorda sobre os métodos válidos para estabelecê-los.

⁵ Esta comparação entre os quatro países é bem superficial, porque as causas e os objetivos das revoluções são diferentes: na Inglaterra, foi para dar poder ao parlamento; nos EUA, para conseguir a independência; na França, para destruir o *ancien régime* baseado nos privilégios; na Rússia, para vencer a luta de classes.

conspirações mundiais. Ele não pensa que a real causa possa ser a miséria, a opressão, a injustiça, porque acha que nunca existiram.

A característica da sua argumentação é a confusão e a mistura entre tais organizações: cabalistas, sionistas (Priorado de Sião)⁶, rosacruzcianos, templários, *iluminati*, maçons (Grande Oriente, Franco - Maçonaria) etc. Em certos momentos da sua descrição, não se distingue uma da outra, todas são chamadas simplesmente de maçônicas, termo que assim é sinônimo de conspirações políticas e religiosas. Muitas personalidades são colocadas ora em um grupo, ora em outro. Não estamos negando a existência das organizações; não estamos negando que cientistas, filósofos e políticos famosos estavam inscritos em alguma delas; estamos defendendo que elas não tinham um plano de revolução mundial e que, caso alguma o tivesse em um determinado momento, isso em nada estabeleceu ou mudou o curso dos acontecimentos históricos de forma significativa (em particular, as quatro revoluções citadas). Tudo ficou na fantasia haggeriana. Na maioria das reuniões, os seus membros se limitavam a conversações e rituais ocultos; estavam propositalmente desligados das massas, pelo seu caráter elitista. Podiam infiltrar-se em algum grupo que operava legalmente e de forma aberta: um partido para desviá-lo do seu objetivo, uma ala do governo para pô-lo em crise, uma igreja para provocar uma heresia; mas a real influência e os resultados positivos são bem duvidosos.

Ao longo da História, existiram reais conspiradores, por exemplo, contra a democracia liberal ou os regimes comunistas. Sem retroceder muito no tempo, lembramos Mussolini e Hitler; recentemente, Trump, Putin, Bolsonaro e outros populistas. Mas os programas deles não eram absolutamente secretos, ao contrário, eram bem difundidos e declarados, com o objetivo de enganar e atrair as massas. Todos os líderes citados alcançaram o poder, justamente porque a sua atividade não era secreta, era baseada na visibilidade, na propaganda e nas *Fake News*.

No mundo antigo, Hagger destaca a Cabala judaica: sob o rei Salomão, era uma ideia espiritual pela qual Jeová era o deus de todos os povos. Depois, durante o cativeiro da Babilônia, os fariseus a teriam deturpado a partir da aceitação do dualismo persa Bem / Mal⁷; Deus seria tal só para os judeus (o “povo eleito”) e lhe mandaria um messias libertador.⁸

⁶ O nome Sion vem de uma montanha francesa, e nada tem a ver com o movimento sionista criado por Hertz no século XX para buscar a criação de um estado para os judeus. Hagger chama este movimento de “zionismo”.

⁷ É o maniqueísmo. O pensamento cabalista teria influenciado os gnósticos dos séculos II – III, e a mais famosa heresia medieval, a dos cátaros ou albigenses.

⁸ Jesus não foi reconhecido como messias, porque falava para a humanidade inteira e não só para os judeus; dizia que o seu reino não era deste mundo. Mas assim, Jesus teria um plano de revolução universal! Uma bela contradição na teoria de Hagger.

Aqui, inicia a fantasia haggeriana, a partir de um episódio real compartilhado pelos historiadores (os fariseus no cativeiro): pelo fato de querer manter a sua identidade diferenciando-se dos babilônios (como sempre fez qualquer povo dominado; porém, ciente da sua identidade), os fariseus seriam os responsáveis da divisão da humanidade (que antes seria única e com um único deus) e do início do espírito revolucionário, que sempre coloca um grupo ou um país contra outro. Esta ideia de uma humanidade única, dividida e colocada em luta pela ação dos judeus, é um absurdo total.

Na época medieval, alguns judeus da Diáspora acreditavam na chegada de um messias que lhe faria dominar o mundo, conforme escrito no texto cabalista *Zohar*. Admitindo que a interpretação do *Zohar* seja verdadeira, é bom lembrar que muitos povos e líderes históricos, em determinado momento, escreveram e planejaram sobre dominar o mundo; e muito conseguiram parcialmente. Então, este pretense objetivo judaico, eventualmente só escrito e nunca executado, não significa nada. Porém, a conclusão parece ser de que os judeus acabaram com uma idade de ouro e de união, e iniciaram tudo o que é ruim no mundo: uma bela justificação do antissemitismo. O escritor recusa esta acusação e nós acreditamos na sua sinceridade; porém, são estes tipos de argumentações que ainda hoje são utilizadas pelos antissemitas: a conspiração universal, o plano diabólico para conquistar o mundo depois de tê-lo tumultuado por meio das revoluções e do poder corruptor das finanças (a união de comunismo e capitalismo, os dois males da modernidade).⁹

Apesar disso, Hagger afirma que a conspiração consciente para a revolução mundial¹⁰ começou justamente no início da Idade Moderna, com o Humanismo renascentista italiano, em particular em Florença, onde os filósofos e os artistas uniam ensinamentos cristãos, neoplatônicos e hermético – cabalistas.

Nesta região, era influente o Priorado de Sião, do qual não é bem explicado o seu aparecimento; pela interpretação mais aceita, ele foi fundado em Jerusalém em 1.099 após a Primeira Cruzada, para proteger o Santo Graal, usado por Jesus na “última ceia”; depois, se fortaleceu na França, de onde vinha a maioria dos cruzados.¹¹ Na Renascença, teriam sido grão-mestres os artistas florentinos Botticelli e Leonardo, e depois os cientistas ingleses Robert Boyle e Isaac Newton. Hagger lamenta que a partir da Renascença italiana se iniciou

⁹ A propaganda fascista e nazista destacava uma conspiração judaico-maçônica como causadora de todos os males do seu país (Itália e Alemanha). Era utilizado, entre outros argumentos, o livro *O Protocolo dos Sábios de Sião*, um documento anônimo que falava de um plano para dominar o mundo, e que depois foi mostrado ser falso.

¹⁰ Hoje, o seu melhor resultado seria o globalismo!

¹¹ Neste país, o Priorado foi oficialmente restaurado por Pierre Plantard em 1.956. Ele forneceu a lista de todos os grão-mestres aceita por Hagger. Era um farsante, que queria demonstrar que os reis francos da dinastia dos Merovíngios eram descendentes diretos de Jesus.

uma revolução intelectual e econômica contra o *ethos* medieval comunitário: o homem estava no centro dos estudos e era mais importante que Deus; o feudalismo estava sendo destruído pelo mercantilismo e a formação da burguesia nas cidades, embrião do futuro capitalismo. O Priorado seria responsável do controle da monarquia inglesa desde Henrique II (século XII), e depois realizou a ascensão da casa Tudor na Inglaterra, com Henrique VIII que criou a religião anglicana, na década de 1.530; uma bela contradição, já que a organização se definia a defensora do catolicismo oficial! A influência sionista teria acabado com o rei Jaime I, um templário da casa escocesa Stuart, sucessor de Elizabete I Tudor; mas seria restaurada sob Guilherme III de Orange, no final do século XVII.

É também confusa a explicação haggeriana de quando e onde surgiu a Rosa Cruz, que combinava magia, cabala judaica e alquimia. Alguns historiadores sugerem a sua origem num grupo de pastores protestantes alemães (entre ele, Johann Andreas) que, no início do século XVII, descobriam a história de um misterioso Christian Rosenkreutz, monge alemão, que no final do século XIV viajou para países árabes na África, onde foi introduzido ao misticismo, ao hermetismo e ao esoterismo. Por meio de três manifestos anônimos, eles anunciavam uma "reforma universal da humanidade", uma nova fraternidade, através de uma ciência supostamente mantida secreta por décadas até que o clima intelectual pudesse recebê-la. A sabedoria era transmitida só aos iniciados após um rito; importantes eram as meditações coletivas. A Rosa Cruz era influente no estado alemão do Palatinado, com a proteção do príncipe Federico V.¹² Porém, para o nosso escritor, a Rosa Cruz teria insuflado a revolução protestante de Lutero e Calvino, que aconteceu um século antes! Calvino seria de origem judaica e levou a sua "heresia" da Suíça para a França (os huguenotes) e Escócia (os presbiterianos), sempre com o objetivo de destruir o Cristianismo (não de modificá-lo ou reformá-lo), tanto que conservava ritos judaicos (como o respeito ao Sabá); Calvino considerava justo matar um rei ou um magistrado caso fosse considerado ímpio, por uma teoria da resistência que Hagger considera absurda e abusiva (talvez, por ainda acreditar que o rei era de origem divina).

No século XVII, a Rosa Cruz estaria influente na República de Veneza, que segundo Hagger era anticristã, porque não obedecia à ordem da Inquisição papal de entregar os suspeitos de heresia; ela seria uma república demoníaca, na qual estavam presentes várias organizações secretas. Quando visitou Veneza, Thomas Hobbes se encontrou com o escritor Paolo Sarpi, que o teria convencido a entrar na associação, da qual já seriam sócios os filósofos Francis Bacon e René Descartes (e, futuramente, também Gottlieb Leibniz). Nesta

¹² Quando este perdeu o poder, os seus seguidores se refugiaram na Inglaterra.

reunião, foi fundada a Royal Society que, sob o aparente interesse científico, seria um ninho de conspiradores. Assim, a Rosa Cruz ficou influente na Inglaterra a partir do início do século XVII, com os objetivos definidos por Bacon (na obra utópica *Nova Atlântida*) e pelo médico Robert Fludd: substituir as monarquias com um governo de filósofos, reformular a ciência e a ética, buscar um remédio universal (a panaceia, bem na linha dos alquimistas da pedra filosofal). Em suma, a Inglaterra, que estava se preparando para ser a maior potência mundial com a Revolução Industrial e a Monarquia Parlamentarista, estaria sendo dominada pelas organizações secretas!

O puritanismo seria outro movimento religioso de origem rosacruciana, que teria fomentado a Revolução Inglesa de 1.648, que levou à decapitação do rei absolutista Carlos I e a vitória dos parlamentaristas. Aqui, as “provas” coletadas por Hagger são incríveis: os seus mentores seriam o alemão rosacruciano Samuel Hartlib emigrado em Londres e o rabino cabalista holandês Menasseh; a sua realização foi a curta república de Oliver Cromwell, definido “rosacruciano invisível, a serviço de *levellers* racionalistas, regicidas e comunistas”¹³, para implementar a agenda do Priorado de Sião (que mistura de associações!), que era de matar o rei Carlos I com dinheiro judaico (fornecido pelo rabino holandês), e querer o poder ditatorial. Depois, sempre na Inglaterra, os puritanos a partir da Holanda¹⁴ teriam incentivado a Revolução Gloriosa de 1.688, que Hagger define anticatólica porque decretou o triunfo da monarquia parlamentarista, exaltada pelos rosacrucianos John Locke e Isaac Newton.¹⁵ Existiria um eixo maléfico Londres – Amsterdã, que envolvia todas as associações secretas, que não eram tão secretas assim! Nos dois eventos, importante teria sido a participação de conspiradores judeus holandeses (descendentes¹⁶ daqueles expulsos da Espanha e Portugal no final do século XV), obviamente graças ao seu poder financeiro, com o plano de criar uma Israel na Inglaterra, a nova terra prometida.¹⁷ O nosso escritor afirma que “utopistas ingênuos” como William Tyndale, Francis Bacon e o reconhecido pedagogo Comênio concordavam com este pensamento! Sendo considerados todo-poderosos, os judeus criaram o Banco da Inglaterra (que substituiu o padrão-terra pelo padrão-ouro, e aumentava os lucros pelos juros extorsivos) e entregaram a direção da Casa da Moeda ao “alquimista” Newton.

¹³ Hagger, N. *A História Secreta do Ocidente*, p. 137.

¹⁴ Neste país, outro movimento importante era dos “Familistas”, corrente universalista criada pelo holandês Nicklaes.

¹⁵ Hagger chega ao absurdo de dizer que Locke apoiou a deposição do rei anterior Jaime II Stuart, católico, porque ele tinha quebrado o contrato social (idealizado pelo filósofo) com o povo! Ele foi substituído por Guilherme III de Orange. A derrota final do escocês aconteceu na Irlanda.

¹⁶ Entre estes descendentes, temos o filósofo Baruch Spinoza.

¹⁷ Os judeus haviam sido expulsos deste país em 1.290 (e depois, readmitidos). Adquiriram mais influência sob Cromwell.

Este seria o verdadeiro objetivo das revoluções judaicas-rosacruccianas. O ativismo da organização continuaria com Leibniz, que teria imposto um bisneto de Jaime I como sucessor ao trono inglês em 1.714: George I era da casa de Hannover, portanto, alemão e protestante como o filósofo. Em todo caso, os puritanos foram depois expulsos para a colônia americana, onde criaram uma mentalidade conservadora hoje bem presente nos EUA, considerados a nova “terra prometida”; porém, Hagger entende que todas estas convulsões nas nações inglesa e escocesa foram produto de uma conspiração anticatólica da Rosacruz, e não cita nem valoriza o fato que elas representam o início do constitucionalismo moderno (pela *Bill of Rights*).

A Ordem dos Templários, segundo o nosso autor, foi criada na França pelo Priorado de Sião. O plano dela, a partir do Reino de Jerusalém,¹⁸ seria de conquistar o mundo.¹⁹ São fatos históricos que a ordem era constituída por monges guerreiros, muitos ativos nas Cruzadas, pelas quais acumularam grandes riquezas; e que os templários acabaram incomodando o rei francês Felipe IV o Belo, que em 1.314 (a partir da acusação de satanismo e homossexualismo) dissolveu a ordem, sequestrou os bens e condenou os chefes à fogueira.²⁰ Para muitos historiadores, este fato marcou ao fim da ordem. Mas, segundo Hagger, os sobreviventes se separaram do Priorado de Sião, criando uma tendência oposta de revolução mundial; fugiram para a Inglaterra onde eram ativos como banqueiros,²¹ e para a Escócia, colocando a família real Stuart sob seu controle, até o século XVII.

Quando voltaram para a França, os templários reuniram vários grupos secretos fundando a Franco – Maçonaria;²² que era fundamentada na filosofia da natureza e compartilhava algumas ideias iluministas; foram criadas várias “lojas” na Europa e Estados Unidos (com participação de George Washington e Benjamin Franklin). Para Hagger, ela conspirou para provocar todas as sucessivas revoluções republicanas bem-sucedidas (americana,²³ francesa, russo-soviética), além da unificação de Itália e Alemanha (antes divididas em vários estados), e além de várias revoltas fracassadas que, apesar disso, tumultuaram a ordem existente. Foi completado um ciclo de oito etapas, um plano mundial que iniciou com o Renascimento italiano, a Reforma Protestante alemã, a Revolução Inglesa

¹⁸ Era um dos quatro estados criados pela Primeira Cruzada.

¹⁹ Entre os templários autores deste plano, não havia obviamente judeus, grupos fortemente perseguidos e massacrados durante as Cruzadas, teoricamente voltadas contra o Islão.

²⁰ Segundo Hagger, o último grão-mestre Jacques de Molay, na fogueira, lançou uma maldição contra a monarquia francesa, que se realizou quando os jacobinos guilhotinaram Luís XVI!

²¹ Hagger observa que, não por caso, Londres é hoje considerado o centro financeiro do mundo!

²² O termo francês *maçon* significa “construção”.

²³ Na realidade, a americana foi uma guerra de independência. Tocqueville a definiu “uma revolução sem revolução”.

(três fatos já comentados), e continuou cronologicamente com a Revolução Americana, a Revolução Francesa, a Unificação Italiana, a Unificação Alemã, a Revolução Soviética. Hagger afirma que a conclusão planejada desse processo foi a Primeira Guerra Mundial, mais um plano universal judaico-templário de jogar uma nação contra outra, plano que iniciou pelo assassinato do arquiduque austríaco (feito por um maçom sérvio) e terminou com a lamentável queda de quatro impérios (russo czarista, austro-húngaro, alemão e turco-otomano), substituídos por repúblicas democráticas ou socialistas. Todos estes fatos históricos obviamente aconteceram, mas a interpretação do nosso escritor (saudosista pelo fim dos quatro impérios conservadores e opressores) é equivocada na definição da causa, que para ele é uma só, a conspiração maçônica. Ridícula é a sua conclusão: a Franco – Maçonaria é luciferiana; Lúcifer é aquele que se rebela à ordem natural das coisas, estabelecidas por Deus (portanto, imutáveis); queria trazer a Luz e o Bem, pelas revoluções, mas trouxe o Mal (as repúblicas democráticas ou comunistas). Por causa de afirmações deste tipo, podemos ver a que nível desceu o nosso escritor!

O maior produto dos templários e dos maçons seria Napoleão, que deu expressão física a Revolução Francesa, porque tentou unificar a Europa sob uma república maçônica. Na realidade, Hagger lamenta que as guerras napoleônicas derrubaram muitas monarquias absolutistas e liquidaram a Inquisição (exceto no Estado Pontifício), por meio de ações e reformas profundas que foram mantidas depois da sua queda. Numa explicação confusíssima, ele afirma que Napoleão foi simplesmente instalado no poder pelo cardeal Talleyrand, que era ao mesmo tempo *Illuminati*, templário, sionista e jacobino. Conspiradores de todo tipo teriam levado o herdeiro da Revolução a ganhar batalhas, sem considerar a sua grande habilidade em estratégias e táticas de guerra, até a queda final na batalha de Waterloo, desejada pelo Priorado.

Uma outra organização muito citada é a *Illuminati* (Ordem dos Perfeitos), criada por volta de 1.776 pelo maçom alemão Adam Weishaupt, um sacerdote jesuíta de origem hebraica, admirador de Rousseau. Ele fez uma leitura equivocada do filósofo genebrino, porque destacou: retorno ao estado natural e eliminação de civilização; abolição da propriedade privada, da educação, da religião, do patriotismo e de qualquer autoridade. Nada disso está escrito no *Contrato Social*. Porém, esta é a interpretação equivocada que Hagger compartilha, tanto que considera os dois, Weishaupt e Rousseau, serem os mentores da Revolução Francesa, que teria o objetivo de recriar na Terra o Jardim do Eden.²⁴ O *Illuminati*

²⁴ Certamente Rousseau foi muito valorizado pelos revolucionários; sobretudo pelos jacobinos, mas não pelos pontos indicados por Hagger.

seria a síntese do Priorado de São (baseado no cabalismo e no racionalismo de Descartes e Newton) e da Ordem Templária (baseada no maniqueísmo dos cátaros e no republicanismo dos iluministas). Weishaupt ensinava que existia uma iluminação racional, fora e acima da fé, acessível a qualquer pessoa, e poderia levar a uma maior perfeição. Alguns seguidores eram deístas, outros ateístas: para o nosso escritor, não fazia diferença.²⁵

Resumindo: cabalistas, sionistas, rosacruzcianos, templários, franco-mações, *illuminati*, são as organizações secretas que estariam interligadas a partir de um objetivo comum, a revolução mundial. Às vezes eram aliadas; às vezes eram inimigas, como durante a Revolução Soviética, que Hagger reduz à luta entre a Franco-Maçonaria inglesa (que queria impor o socialdemocrata Kerensky), os templários (representados por Lenin e Trotsky)²⁶, o Priorado, que venceu a luta impondo Stalin (financiado pelos banqueiros da família Rockfeller!). Todas estas organizações continuariam conspirando hoje, às vezes com objetivos progressistas, às vezes reacionários.

Nos focamos agora no capítulo VI do livro. A família Rothschild é apresentada como um grupo de banqueiros judeus poderosos que os antissemitas sempre indicaram como o símbolo dos financistas que manobram políticos, controlam governos e oprimem o povo, enriquecendo às custas dele. Um belo bode expiatório a ser jogado para as massas ignorantes e insatisfeitas. Por exemplo, após a queda de Napoleão, a família teria dado o poder à dinastia “sionista” de Luís Felipe I na França (monarquia burguesa, não mais absolutista). Ao mesmo tempo, financiava Marx e os templários, inimigos daqueles sionistas. Sendo saudosista do sistema feudal, Hagger critica o entusiasmo da família Rothschild pela Revolução Industrial, já que ela financiava fábricas e ferrovias, que provocaram o surgimento e a exploração do proletariado.²⁷ Como se antes, as pessoas comuns e os trabalhadores rurais não fossem explorados! Segundo ele, os Rothschild financiavam lados políticos opostos, para tumultuar a Europa, que para Hagger estava bem assim como estava e não deveria ter saído da Idade Média. É a teoria (básica na propaganda nazista) de que os judeus inventaram capitalismo e comunismo, os dois males da Modernidade, para quebrar a unidade de uma nação e provocar as revoluções, das quais só eles se beneficiam.

O grande alvo haggeriano é o italiano Giuseppe Mazzini, um dos primeiros idealizadores da unificação da Itália no início do século XIX²⁸; por causa disso é considerado

²⁵ O deísmo, seguido por Newton, Voltaire e outros iluministas, afirmava que Deus existe e criou o mundo; depois, deixou de atuar nele.

²⁶ Ambos são definidos judeus, mas só Trotsky o era!

²⁷ Obviamente, esta consequência não pode ser negada. Marx criticou isso, mas sem propor um retorno à produção artesanal típica da Idade Média!

²⁸ No início de século XIX, a atual Itália estava dividida numa dezena de estados, alguns sob o Império austríaco, outros sob príncipes estrangeiros (austríacos, espanhóis, franceses), outros sob famílias locais, além

um grande patriota e herói da independência no seu país; Hagger o define chefe dos *Illuminati*. É correto dizer que ele estava inicialmente ligado à *Carboneria*, um grupo que defendia os valores da revolução francesa e a unificação dos estados italianos nos anos de 1.820-1.830;²⁹ ele era secreto só na medida que fazia reuniões secretas, para evitar prisões do governo saboiano,³⁰ e não (como diz Hagger) de um governo italiano, que ainda não existia. É falso que a *Carboneria* pretendia “eliminar o Cristianismo”³¹, só pelo fato de fazer críticas à certos aspectos da religião e ao absolutismo do papa, que era inimigo da unificação, e agia para não perder o seu Estado Pontifício. Mazzini criou o movimento da “Jovem Itália”, de inspiração maçônica (na época, a maçonaria italiana era progressista e anticlerical, diferentemente de hoje que virou conservadora e golpista); depois criou a “Jovem Europa”, como aliança ideal de nações livres e democráticas; mas é uma vergonha Hagger dizer que os seus seguidores assaltavam bancos e cobravam propina dos comerciantes, inventando a Máfia! Esta surgiu na Sicília bem depois. Na realidade, Mazzini não era um “templário comunista” que recorria à força para conquistar o poder (que não era uma sua ambição pessoal), para diferenciar-se dos sionistas que usariam as finanças; pelo contrário, era razoavelmente religioso e depois se posicionou contra o socialismo ateu. Ele era um escritor exilado que tentava despertar a consciência nacional dos italianos; nunca organizou um atentado terrorista; eventualmente, só apoiou e incentivou algumas insurreições populares (todas fracassadas, porque mal organizadas).

O ano de 1.848 foi um ano especial, um ano de muitas revoluções em quase toda a Europa, a partir da Sicília e depois na França, nos estados italianos, nos estados alemães, no Império Austríaco e outros. Os objetivos principais eram a independência contra uma nação estrangeira ou a obtenção de uma Constituição; não uma revolução comunista, como acredita Hagger, só pelo fato de que no mesmo ano foi publicado o *Manifesto* de Marx! Na França, é anti-histórica a afirmação de Hagger de que os templários comunistas (!) derrubaram a última monarquia, a de Luís Felipe I, só por causa de alguma manifestação de trabalhadores socialistas na rua; a iniciativa da derrubada foi obra da burguesia, que proclamou uma república moderada e abriu o caminho para Luís Napoleão, sobrinho de Napoleão I e futuro imperador Napoleão III.

do Estado Pontifício. Os movimentos de unificação iniciaram sob inspiração da Revolução francesa e de Napoleão, que criou várias “repúblicas irmãs” contra os governantes anteriores.

²⁹ Depois deste período, o movimento perdeu seguidores, porque os seus métodos não davam resultados.

³⁰ Saboia era a dinastia de origem francesa que governava o Reino de Sardenha, no qual estava Genova, a cidade de Mazzini, que foi obrigado a se exilar. Depois, a casa de Saboia foi persuadida a chefiar a luta pela independência dos estados italianos, e forneceu os reis à recém-constituída Itália.

³¹ Hagger, N. *A História Secreta do Ocidente*, p. 323.

Em Roma, no mesmo ano, o papa foi expulso e foi proclamada uma república laica e democrática liderada por Mazzini e Giuseppe Garibaldi; este também era maçom e é considerado um herói da independência italiana. A atividade dos dois não pode ser considerada uma conspiração mundial, mas uma tentativa de criar as bases para a unificação italiana, objetivo que todos os povos oprimidos desejam. A república foi derrubada pelo exército da Áustria (a maior potência católica da época),³² que recolocou o papa no poder e depois recuperou Milão e Veneza (também rebeladas); mas foi obrigada a criar uma monarquia dual com a Hungria. É absurdo pretender que todas estas operações austríacas foram geridas pelos Rothschild, só porque eventualmente emprestavam dinheiro (e, com certeza, não eram os únicos banqueiros a fazer isso).

Hagger define 1.848 como uma catástrofe, uma tentativa de desestabilizar a Europa e destruir a religião; ele é um saudosista do absolutismo; é um representante do conservadorismo e do clericalismo. Ele acusa Mazzini da proeza de ter criado uma rede templária / maçônica / sionista (!) com aquelas finalidades; nela estariam o premiê inglês Palmerston e o chanceler alemão Bismarck (!), dos quais falaremos mais na frente. Hagger mostra satisfação com o fracasso da ideia do romancista Victor Hugo (na linha de Mazzini) de criar uma “União Europeia”, ideia que depois teria sido retomada pelos socialistas (mas com outra finalidade!). Ele não entende que o objetivo não era uma Europa dominada por um único país mais poderoso, mas uma união entre iguais (mais ou menos como a atual UE).

Na Grã Bretanha, o premiê Palmerston é definido regente de todas as sociedades secretas do mundo! Teria conseguido enfraquecer a Áustria, para ajudar a missão do seu pupilo Mazzini (por ele financiado) de unificar a Itália, porque a Áustria era o maior obstáculo à unificação. Mas é falso que Mazzini fez o acordo com o também maçom Cavour (futuro premiê italiano) de aceitar a monarquia constitucional da dinastia Saboia, de origem francesa (fato concluído em 1.861, com a proclamação do Reino da Itália). Quem aceitou este compromisso foi Garibaldi que, apesar de republicano, era pragmático. Mazzini era um republicano radical, e ficou decepcionado com o desfecho monarquista! E continuou no exílio em Londres, onde morreu.

Mazzini se opunha ao Estado Pontifício (que Hagger confunde com o Vaticano, que foi criado só em 1.870, depois que Roma foi anexada à Itália),³³ porque uma teocracia

³² À defesa de Roma participou ativamente a brasileira Anita, casada com Garibaldi que ela conheceu quando este era exilado no Brasil. Ela morreu em Ravenna durante a fuga, após a queda de Roma em 1.949. É considerada heroína da independência italiana.

³³ O Estado Pontifício controlava várias regiões da atual Itália central. Em 1.870, foi reduzido ao atual Vaticano, um Estado independente que consiste na praça da Basílica de São Pedro e alguns prédios, no coração de Roma. Pio IX nunca reconheceu o Reino da Itália, se declarou vítima de uma violência e

absolutista era considerada anacrônica na Europa inteira, tanto que as potências católicas (Áustria, Espanha) não defenderam o Estado Pontifício (e a França o abandonou) quando este foi invadido pelo exército italiano, porque era o elo faltante para a unificação completa. Porém, o nosso escritor acusa Mazzini e o seu protetor Palmerston³⁴ de atacar a religião e destruir a civilização cristã, com duas outras acusações: a defesa do materialismo francês do Iluminismo (falso! Os escritos de Mazzini mostram isso) e a divulgação da *Origem das Espécies* de Darwin, que teria rebaixado o homem à condição de descendente do macaco (mas Darwin não disse isso, é mais uma interpretação equivocada de um seguidor do criacionismo bíblico). Este é o nível intelectual ao qual cai Hagger!

Afinal, Hagger ataca Mazzini de forma violenta e com acusações falsas, por causa da República Romana de 1.848, que, como dito, ousou expulsar o papa Pio IX, um dos mais reacionários da história da Igreja. E dos mais fanáticos também, porque, quando recolocado no poder pelos austríacos e com a proteção de tropas francesas, retomou o governo absolutista com as leis antiliberais e antisemitas.³⁵ É evidente que Hagger não gosta da Itália unificada, nem da Alemanha unificada (como veremos), porque os dois países, após a unificação, tomaram medidas laicas e anticlericais (sequestro de bens das igrejas, retirada do ensino público das mãos dos religiosos etc.); o sistema feudal, com o rígido sistema de castas e o domínio da religião sobre ações e pensamentos, deve ser o seu preferido.

Continuando nas absurdidades, Hagger acusa os Rothschild de ter provocado a guerra civil nos EUA, que terminou em 1.863 com a abolição da escravidão. O objetivo deles seria de dividir o país, para enfraquecê-lo e dominá-lo, ou dividi-lo entre França e Inglaterra. Não tendo conseguido o objetivo (porque os estados derrotados do Sul ficaram na União), eles teriam mandado matar Lincoln. O relato dos fatos, no qual teriam participado conspiradores franceses, ingleses e russos das várias associações secretas, são confusísimos; a fantasia do autor andou solta.

Após este fracasso nos EUA, os Rothschild se voltaram para o mais forte estado alemão, a Prússia, onde segundo as fantasias de Hagger existia uma tradição templária e de *iluminati*, valorizada pelo rei Federico II (a esperança kantiana do esclarecimento), além do poeta Goethe. Aqui, o objetivo era o contrário do caso dos EUA: eliminar os estados alemães

excomungou o rei e os ministros italianos. O reconhecimento mútuo aconteceu só em 1.929 (a “concordata” com Mussolini, interessado ao apoio da Igreja para consolidar a sua ditadura).

³⁴ Hagger, N. *A História Secreta do Ocidente*, p. 329. O sucessor de Palmerston, Disraeli, judeu, teria continuado a sua política a partir de 1.868.

³⁵ Pio IX chegou a ordenar o sequestro de uma criança judia que supostamente (e secretamente!) havia sido batizada por uma criada cristã da família. Ela foi encaminhada para o sacerdócio forçado. Foi um escândalo internacional, até vários políticos conservadores e católicos solicitaram a devolução para os pais; mas o papa foi irremovível. David Kertzer relatou o caso em *O sequestro de Edgardo Mortara*.

e unificá-los no Segundo *Reich*³⁶ sob o governo do prussiano Bismarck, também um maçom (portanto, mais um conspirador!). Este político valorizaria tanto o nacionalismo (!) de Hegel, quanto o socialismo de Marx,³⁷ que queria destruir as velhas estruturas, presentes nos estados alemães. O projeto de unificação foi realizado por Bismarck após a vitória militar sobre a França de Napoleão III em 1.870; Guilherme I foi proclamado imperador da Alemanha (*kaiser*). O chanceler Bismarck ficou poderoso e iniciou a *kulturkampf*, uma batalha para reduzir a influência da religião na vida dos alemães; Hagger não cita este programa, mas certamente é um motivo para atacar o chanceler alemão como destruidor da religião (fato que não aconteceu, inclusive porque não fazia parte dos seus objetivos pragmáticos).

Após a derrota de 1.870, a nova França republicana teve que pagar uma enorme indenização, com empréstimo dos Rothschild, que assim ficaram mais ricos e influentes; teve que debelar a Comuna de Paris, que para Hagger foi mais uma tentativa (a terceira, depois de 1.789 e 1.848) dos templários de instalar a revolução universal, massacrando todo mundo (inclusive o arcebispo de Paris, fato amplamente explorado pelos conservadores).³⁸ Os monarquistas e os clericais franceses, desejosos de revanche contra os ideais da Revolução Francesa, reergueram a cabeça e culparam os judeus pela Comuna, apesar de nenhum líder ser judeu (e na França a comunidade era numerosa); porém, Marx a havia elogiado! E, para os falsificadores da História, o elogio feito por um judeu era suficiente para definir a Comuna um produto judaico.

Hagger conclui, no capítulo VI, que as associações secretas realizaram um projeto imperialista no século XIX que visava a um mundo único, mas com duas vertentes: uma sionista - maçônica com uma monarquia universal (financiada pelos Rothschild) e uma templária com uma república universal (inspirada em Mazzini). Na busca das causas das mudanças no mundo moderno (que ele gostaria não terem acontecido), ele mistura pensamentos opostos (Iluminismo e Romantismo; Materialismo e Espiritualismo), e deturpa pensamentos de filósofos (Rousseau, Kant, Hegel, Marx) mostrando um grave desconhecimento. Já vimos que ele aceita a interpretação equivocada de Weishaupt sobre o *Contrato Social*. Por outros exemplos, o nosso escritor fornece uma visão errada até do Romantismo (no qual coloca Rousseau!), movimento definido favorável à Revolução Industrial (na realidade, era um pensamento conservador, anti-iluminista e individualista, hostil ao progresso e à vida na cidade); Hegel é definido ser o intérprete herético oculto da Revolução Soviética por causa do conceito rosacruciano de “Espírito do Mundo”, que

³⁶ O Primeiro *Reich* foi o Sacro Império Romano – Germânico; o terceiro será o nazista.

³⁷ Na página 334, Marx é definido ser prussiano; mas ele era de Treveris, na Renânia.

³⁸ Hagger não cita os milhares de *comunards* executados sumariamente após a derrota da Comuna.

refletiria a vontade de uma revolução universal; mas o cúmulo é quando diz que “Leibniz é um enigma. No nível filosófico, contestava o empirismo aristotélico de Bacon, Hobbes, Descartes, Newton, Locke”.³⁹ Definir Descartes empirista e Newton aristotélico, ora! Como dito antes, todos estes filósofos e cientistas são considerados rosacruceanos, e entre eles são incluídos os contemporâneos Bernard Russell e Aldous Huxley, chamados de “racionalistas ocultos”. Continuando nos seus delírios, Hagger afirma que o utilitarista Jeremy Bentham, um *Illuminati*, teria dado origem aos jacobinos e depois (por meio de Palmerston e Mazzini), ao Comunismo e ao Fascismo! Enfim, é um desprezo total pela Filosofia Moderna, acusada de querer destruir o Cristianismo e voltar ao Paganismo⁴⁰. É possível e até verdadeiro que os filósofos e cientistas citados fossem inscritos a alguma organização secreta, que assim não era tão secreta; mas esta participação era a título individual e cultural, assim como hoje muitas pessoas são inscritas a um clube, a um grupo de estudo, a uma organização não governamental, a um partido, a um grupo pseudocientífico (terraplanistas, ufologistas etc.)⁴¹; mas isso não significa que eram conspiradores, nem pelas ideias, nem pelos atos.

No campo econômico, o escritor critica o capitalismo e o mercado por um ponto de vista reacionário e medieval, algo que quebra os *anciens régimes* e os seus valores. Ele ataca a esquerda revolucionária, que defende a Revolução Industrial como portadora de novos valores, como a igualdade, a liberdade, o progresso; mas, segundo ele, acaba trazendo divisões e violências.

Nas suas fantasias, Hagger inventa conspirações secretas de grupos poderosos que dominam governo e nações; ou talvez, acha que são reais e ele próprio tem o mérito de tê-las desvendadas. Está subestimando a inteligência de tantos líderes importantes, que seriam marionetes nas mãos destes conspiradores. Ele é vítima de muitos preconceitos históricos, como o antissemitismo e o anticomunismo. Infelizmente, partes destas teorias da conspiração são aceitas e propagadas pelos movimentos populistas deste século, independentemente de Hagger ser conhecido entre eles. Este fato mostra que ele nem é original nas suas construções fantasiosas.

Na conclusão do seu livro, Hagger faz um esquema geral da conspiração mundial: a inspiração oculta é Satã (!); a expressão intelectual são o capitalismo e o materialismo; a expressão física é o governo mundial (globalismo); a consolidação física é a guerra mundial.

³⁹ Hagger, N. *A História Secreta do Ocidente*, p. 482.

⁴⁰ Hagger, N. *A História Secreta do Ocidente*, p. 483.

⁴¹ No Brasil, um importante representante do movimento terraplanista é Sidharta Chailub, para o qual a teoria da Terra esférica é uma conspiração iniciada por Aristóteles e concluída por Galileu, Newton e Einstein, “vendidos” a um grupo (não identificado) que quer enganar os povos e excluí-los do “verdadeiro” conhecimento, que é o bíblico.

Hagger se apresenta como humanista, quando lamenta o grande número de vítimas pelas guerras mundiais e pelas conquistas coloniais (o que, obviamente, é verdade). Mas, para ele, a culpa de tudo é das sociedades secretas conspiradoras, que quebraram uma ordem europeia antes tranquila e justa, governada pela religião católica. O seu é um revisionismo histórico ideológico.

Bibliografia

HAGGER, Nicholas. *A História Secreta do Ocidente*. São Paulo: Cultrix, 2.005.